



Presidência da República
Casa Civil
Secretaria de Administração
Diretoria de Gestão de Pessoas
Coordenação – Geral de Documentação e Informação
Coordenação de Biblioteca



BIBLIOTECA DA
PRESIDÊNCIA
DA REPÚBLICA

3. POLÍTICA ECONÔMICO-FINANCEIRA

VOLTA REDONDA, RJ, 16 DE ABRIL

NAS COMEMORAÇÕES DO 25º ANIVERSARIO
DA COMPANHIA SIDERÚRGICA NACIONAL E AO
AGRADECER O TÍTULO DE «CIDADÃO DE VOLTA
REDONDA».

Ouvi com a merecida atenção os discursos proferidos, todos êles marcados por uma nota de natural júbilo pelo importante acontecimento que ora celebramos : os vinte e cinco anos de Volta Redonda.

Inicialmente, desejo agradecer o título de Cidadão de Volta Redonda, que me acaba de ser entregue com palavras que tanto me cativaram e tornam ainda maiores o meu interesse e a minha admiração pela incontestada capital do aço brasileiro. Creio que nenhuma cidade do Brasil tanto se identifica com um só empreendimento quanto esta em relação à Companhia Siderúrgica. Ambas como que se confundem. Nasceram juntas, vivem juntas e continuam a crescer juntas. Graças a isso pudemos assistir ao gradual e harmônico desenvolvimento de uma coletividade voltada para o trabalho e com a plena consciência de estar, com o seu labor, contribuindo de modo marcante para o progresso e a prosperidade nacional. Justo, portanto, que esteja muito agradecido à honra que me conferiram incorporando-me, em momento auspicioso, à comunidade de Volta Redonda, aqui tão bem representada pelo seu Prefeito, cujas palavras recebi não apenas como homenagem ao visitante, mas, principalmente, como estímulo à ação do Governo.

Na realidade comemoramos aqui um dêsses fatos fundamentais na vida de um povo e capaz de mudar-lhe a fisionomia, integrando-o numa era nova, que, sem dúvida, assinala o aparecimento de novas concepções e mentalidade. Vinte e cinco anos não é

muito na vida de uma nação. E por isso mesmo muitos dos que aqui se encontram ainda terão a lembrança do que, na época, representou a corajosa iniciativa de construir Volta Redonda. Desde a localização até as possibilidades financeiras, técnicas e de consumo, tudo foi objeto de críticas desalentadoras, malévolas, e, na maioria dos casos, incompetentes. Como é freqüente, não faltaram sequer os que assoalhavam a oposição estrangeira, que, de modo insidioso, faria malograr a iniciativa há tanto acalentada pelos brasileiros. A verdade é que, graças à política de boa vizinhança do Presidente Roosevelt, mais tarde retomada pelo Presidente Kennedy, contamos com importante ajuda técnica e financeira para levar a bom termo o empreendimento. Logramos realizar assim, em plena guerra, e em meio às dificuldades daí decorrentes, uma obra de que podemos e devemos nos orgulhar. Foi ela, possivelmente, a grande prova da extraordinária capacidade de técnica e de trabalho do nosso povo. E ao recordar os passos iniciais desta obra não posso deixar de ter o pensamento voltado para aqueles que abriram caminho para esta magnífica realidade de hoje. Além do Presidente Getúlio Vargas, a quem coube a responsabilidade da grave e benemérita decisão, quero referir-me aos fundadores da empresa, diretores, técnicos e operários, aos quais posso transmitir os agradecimentos do Brasil mencionando os nomes dos senhores Guilherme Guinle, primeiro presidente da Companhia Siderúrgica, e general Edmundo Macêdo Soares, pioneiro das técnicas adotadas na magnífica construção de Volta Redonda.

Com Volta Redonda o Brasil punha o pé no caminho da indústria pesada. E se acompanharmos a expansão da Empresa, a partir de 1946, quando iniciou a produção de coque, de gusa e lingotes de aço, encontramos motivos para confiar no desenvolvimento nacional. Com uma capacidade inicial de 270 mil toneladas anuais de lingotes, registrou a Companhia Siderúrgica, em 1965, produção superior a um milhão e duzentas mil toneladas. Aliás, diminuta era a produção brasileira ao fundar-se a Companhia; para um consumo de cerca de 400 mil toneladas, importávamos aproximadamente 300 mil.

Mais importantes, porém, do que esses índices são os relativos ao nosso consumo «per capita», tão ponderáveis para a avaliação da grandeza econômica de uma nação. Passamos de 12,6 quilos de consumo «per capita», em 1946, para um total de 45 quilos. E não será necessário ressaltar o papel desempenhado nesse crescimento pela Companhia Siderúrgica, cuja produção se reflete na expansão de várias indústrias, como a automobilística, a de produtos eletro-domésticos, construção naval e muitos outros ramos metalúrgicos. Estudos recentes já prevêm para o Brasil, em 1975, consumo superior a dez milhões de toneladas.

Não posso deixar de assinalar quanto foi benéfica para a Companhia Siderúrgica a vitória da Revolução de 31 de Março. Realmente, embora houvesse previsto uma nova etapa de expansão mediante a execução do que chamou de «Plano Intermediário», a ser realizado no período 1961-1963, nem sequer se animou a iniciá-lo dadas as crises de agitação que abalaram o país, no período anterior ao movimento revolucionário. Houve, assim, quatro anos de atraso, até que se tornasse possível, a partir de março de 1964, a retomada do diálogo com as fontes de financiamento do exterior. Acelerados, porém, os trabalhos, que aumentarão de 200 mil toneladas anuais de lingotes a produção de Volta Redonda, deverão estar concluídos até o fim do corrente ano.

Mas, já que me referi aos reflexos da Revolução sobre o próprio desenvolvimento da empresa, não posso deixar de lembrar o esforço por esta realizado para a política de recuperação econômica do país. Além do crescimento da exportação, especialmente para o mercado da ALALC, manteve estáveis os seus preços, e o fato propiciou as seguintes observações do Senhor Daniel Faraco, então Ministro da Indústria e Comércio : «Volta Redonda deu um alto exemplo de coerência com a política de estabilização, racionalizando ao máximo sua programação financeira e adotando técnicas que propiciam sensível aumento de produtividade. Reduzindo os seus custos unitários de produção, pôde a Companhia ingressar nos mercados externos com 118 mil toneladas, no valor de 13 milhões de dólares, e manter estáveis os seus preços, no mercado interno, em 1965.»

Agora, confiante na retomada do desenvolvimento nacional já se prepara a Companhia Siderúrgica para nova expansão na sua capacidade de produzir.

Mas, ao contrário do que ocorreu na fase de instalação, irá empregar agora uma longa experiência, durante a qual pode ser a grande escola de engenheiros e técnicos. Pioneira na implantação da grande siderurgia do coque, deve Volta Redonda — a maior usina siderúrgica da América Latina — continuar liderando o nosso processo de expansão. Com a colaboração do Banco Internacional de Reconstrução e Desenvolvimento, do qual somos acionistas, buscamos alcançar uma perspectiva de dez anos para a siderurgia nacional. E para isso analisamos atentamente o mercado e as alternativas de expansão pela maneira mais econômica e racional.

Aliás, não será necessário invocar qualquer autoridade, tanto é elementar este conceito, para acentuar que nenhum projeto industrial terá êxito se não dispuser de mercado para o seu produto. Do mesmo modo que nas atuais circunstâncias do Brasil não deveremos perder de vista o ensinamento de Bryce, segundo o qual «para maximizar a renda nacional um país deveria concentrar seus esforços em atividades econômicas nas quais tem maiores vantagens».

Naquele planejamento, em breve concluído, a expansão de Volta Redonda até dois e meio milhões de toneladas desempenha importante papel. Determinei por isso à Companhia Siderúrgica, aos Ministérios da Fazenda, Indústria e Comércio e Planejamento, assim como ao Banco Nacional de Desenvolvimento, que formulem imediatamente o esquema de financiamento dessa expansão para ser executada com eficiência, sem interrupções decorrentes da falta de recursos e sem encarecimento motivado pelo açodamento ou imprevisão. Um aumento, que é praticamente a duplicação da capacidade desta grande usina, exigirá recursos financeiros de várias fontes ; o reinvestimento de reservas próprias, o apêlo à subscrição da iniciativa privada, que tanto deve à atividade pioneira de Volta Redonda, e agora poderá ajudá-la no plano de expansão. Também o Tesouro Nacional, como acionista e fiador de emprés-

timos externos, e as organizações internacionais, certamente mobilizadas sob a coordenação do Banco Internacional. Cumpre, por sinal, não esquecer a fundamental colaboração que desde o início das obras, há 25 anos, empresta o Banco de Exportação e Importação de Washington, após os entendimentos entre os Presidentes Getúlio Vargas e Franklin Roosevelt ao ser deflagrada a Segunda Guerra Mundial.

Dirijo, pois, o meu apêlo ao público brasileiro para que coope-re subscrevendo ações da nova expansão de Volta Redonda. Deseja o Govêrno, neste como em outros setores, que se amplie a participação da iniciativa privada nos empreendimentos básicos, liberando recursos governamentais para aplicação em novas empresas pioneiras ou no vasto trabalho de educação, saúde e rodoviário, que sômente o Govêrno pode empreender, e para os quais os recursos são sempre inferiores às aspirações e necessidades.

Volta Redonda nasceu como empresa mista de capitais privados e estatais. Hoje, alcançando alto índice de produtividade e rentabilidade, podemos almejar que se amplie a participação dos capitais privados.

Paralelamente ao aumento da produção de aço, empenha-se a Companhia Siderúrgica, em colaboração com recursos privados, na industrialização do minério de ferro, mediante a sua transformação em *pellets*, a fim de melhorar a produtividade dos fornos e gerar nova corrente de exportação de minérios industrializados. Também êsse projeto merecerá completo apoio do Govêrno.

Estou certo de que cada passo à frente no sentido da ampliação da empresa representará também um avanço na melhoria das condições de vida dos operários. Tal fato interessa profundamente ao Govêrno, preocupado em substituir as promessas mágicas do passado por conquistas reais dos trabalhadores. Nem outro é o sentido da iniciativa para instituir o sistema de bôlsas de estudo para os filhos dos trabalhadores e as cooperativas operárias de habitação.

Nesse particular estou informado de que Volta Redonda inicia um plano-pilôto de venda de casas aos trabalhadores. Depois

de haver, portanto, construído virtualmente esta cidade de cerca de seis mil unidades residenciais, além de todos os serviços urbanos e órgãos de atendimento social, volta-se a Companhia Siderúrgica, visando a dar execução à política habitacional do Governo, num ambicioso programa de casas para os seus colaboradores. Estou certo de que, mediante o uso do fundo rotativo previsto e do financiamento do Banco Nacional de Habitação, logrará realizar um benemérito programa social destinado a proporcionar tranquilidade e estabilidade social aos que, com o seu árduo labor, estão construindo a grandeza da empresa e da própria nacionalidade. Desejo, pois, expressar aqui quanto me foi grato saber de um plano cujo êxito servirá para que idênticas iniciativas sejam tomadas por outras empresas.

Esta cerimônia, em que se anuncia um programa de expansão de um dos mais felizes exemplos de sociedade de economia mista, e na qual, sem competirem, cooperam capitais públicos e particulares, enseja-me falar ao empresariado nacional, orgulhosamente responsável pela produção nacional.

O desenvolvimento econômico, sem a compressão totalitária do consumo, característica dos regimes comunitas, nos quais o povo não compra o que quer, mas apenas o que lhe permitem e oferecem, não dispensa a cooperação de capitais estrangeiros. Mas, pressupõe, também, muito mais fundamentalmente, para se tornar duradouro, o fortalecimento do empresariado nacional, que deve ser a pedra angular do nosso desenvolvimento. Essa preocupação tem norteado, por isso mesmo, o Governo em várias das suas medidas, e numerosos são os exemplos a invocar como testemunho dessa orientação. Assim, ao criar os Fundos especiais de apoio à empresa privada, como o FINAME e o FUNDECE; ao reformar o sistema fiscal, permitindo deduções adequadas para assegurar a reposição do equipamento, eliminando a tributação sobre lucros fictícios, permitindo considerar como despesa a reposição do capital de giro no caso de empresas que participem do esforço de estabilização de preços, e encorajando a subscrição de ações mediante isenções fiscais. Também nos empréstimos externos exigiu-se figurar sempre uma parcela destinada a compras de equipamentos às indústrias nacionais, do mesmo modo que se controlaram os gastos

do Tesouro a fim de que a expansão do crédito se destine ao setor privado.

Cumpre, aliás, lembrar que no ano passado, e pela primeira vez em mais de um decênio, a expansão global do crédito para a atividade privada foi quase duas vezes a alta do nível geral de preços, permitindo ampla folga para o real desenvolvimento das atividades produtivas, mesmo depois de descontados os efeitos da inflação.

Para maior nitidez do assunto cabe lembrar aqui alguns índices sobre a maneira por que aumentou o crédito no ano passado. O Banco do Brasil — a maior fonte de financiamento do país — expandiu em 42 % as suas operações em favor das empresas privadas. O Banco Nacional do Desenvolvimento Econômico em 50 % ; os bancos comerciais em 84 % ; e as sociedades de crédito e financiamento em 110 %. Também o sistema de sustentação de preços mínimos, ainda rudimentar em 1964, ampliou de onze vezes a injeção de recursos na agricultura, expandindo-se ainda em 71 % o financiamento de exportações agrícolas. Foi, portanto, maciça a transferência de recursos para fortalecer o empresariado industrial, comercial e agrícola do país, notoriamente descapitalizado pelo efeito concomitante do estatismo crescente, pela pressão do Tesouro sobre o sistema bancário a fim de financiar os *deficits* insaciáveis e pela cessação dos empréstimos externos, que se retraíram em consequência do caos econômico anterior à Revolução. São fatos e causas de ontem, mas das quais parecem esquecidos, com demasiada rapidez, os aproveitadores da inflação ou aqueles que buscam mascarar sua imprudência financeira pelo uso abusivo do crédito público.

Os que hoje se queixam de descapitalização das empresas nacionais confundem efetivamente a causa com o efeito: foi a desordenada inflação de antes que as descapitalizou e não o combate à inflação, que, ao contrário, evita que se tornem cada dia mais pobres graças à acelerada desvalorização do cruzeiro. Pode, pois, estar confiante o empresariado nacional, certo de que o Governo não tem outro objetivo senão fortalecê-lo, para que possa bem desempenhar o importante papel que lhe cabe no desenvolvimento da economia de uma nação democrática.

Ao concluir desejo congratular-me com a Companhia Siderúrgica Nacional pelo transcurso de um jubileu que lembra, sem favor, não apenas um importante marco da vida nacional, mas também um quarto de século de bons serviços ao desenvolvimento do Brasil. Assim, a quantos aqui trabalham, sem distinção de categorias, dos mais modestos aos mais altos funcionários e diretores, quero transmitir as melhores saudações e o reconhecimento do Govêrno pela extraordinária obra que empreendem em prol do progresso e da prosperidade da Nação.